

A invenção da liberdade, de Josué Guimarães

por Miguel Rettenmaier / Universidade de Passo Fundo

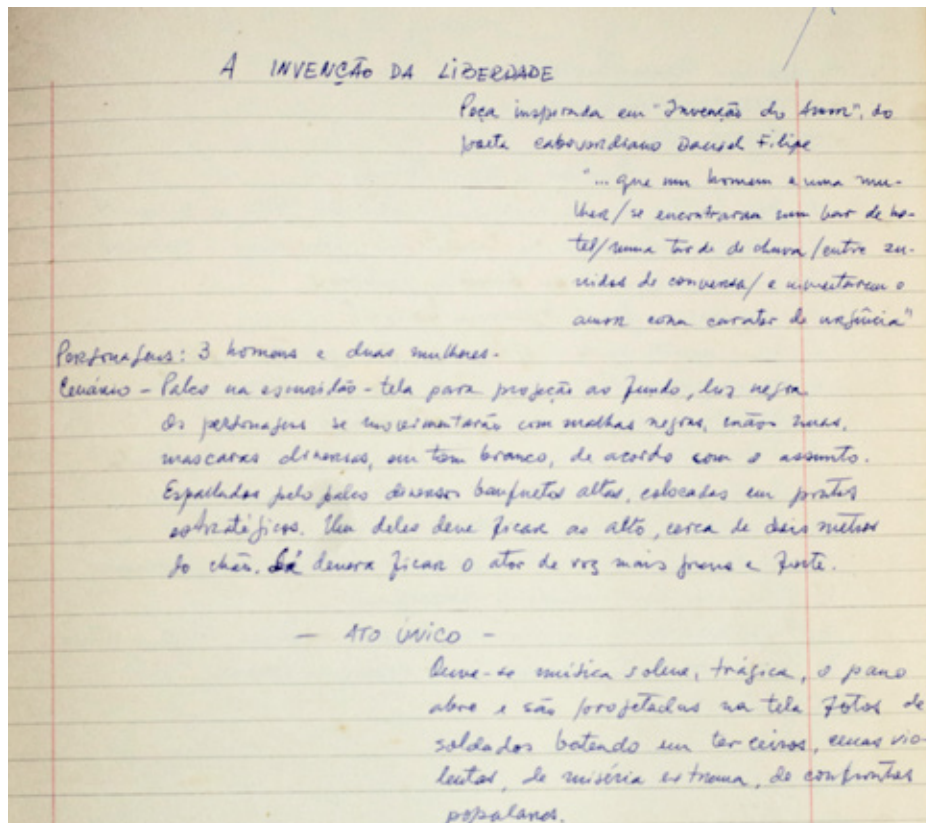
Em dado momento de seu percurso de leituras, a Josué Guimarães, jornalista e escritor gaúcho, foi de grande interesse a literatura portuguesa e a literatura de expressão africana em língua portuguesa. Isso talvez se justifique por seu envolvimento com o contexto político e cultural de Portugal e das colônias ultramarinas na situação ainda anterior ao 25 de abril. Como jornalista, anos antes da queda do regime salazarista, transitara por solo lusitano, acompanhando a comitiva do governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, em viagem à Europa. Após essa rápida passagem – por ter produzido algumas matérias sobre o governo ditatorial do Estado Novo –, tornou-se *persona non grata* ao regime até o fim do período, em abril de 1974. Nessa nova circunstância política, com os auspícios de uma renovação democrática – em contraposição ao arbítrio ainda vigente no Brasil –, Josué Guimarães opta pelo autoexílio em Portugal, ciente de que os fatos políticos daquele tempo em muito poderiam representar como conteúdo jornalístico à correspondência internacional. A cobertura de Josué Guimarães – contista premiado e escritor reconhecido – dos fatos posteriores à Revolução dos Cravos redonda, no Brasil, na publicação, em 1975, pela Civilização Brasileira, de um livro intitulado *Lisboa Urgente*; a obra pretende, como se escreve no subtítulo do livro, revelar o Portugal da época aos brasileiros e aos portugueses no Brasil. Em 1976, ele lança, em Lisboa, o semanário *Chaimite*, aos moldes do *Pasquim*. O *Chaimite* tem 16 edições, encerrando seu ciclo com a volta de Josué Guimarães ao Brasil.

As atividades do gaúcho Josué Guimarães em Portugal se associam, também, no que se refere à produção literária, a projetos não realizados. Dentre eles está uma adaptação teatral a partir da obra de um autor pouco conhecido do público brasileiro, o cabo-verdiano Daniel Filipe; em específico, de seu livro de poesias *A invenção do amor*. Integrante do grupo de “Poetas das Sete Partidas”, africanos que iriam revelar-se como poetas longe de sua terra, Filipe nasce em 1925 na Ilha de Boavista, emigrando com dois anos para a Metrópole. Ali instruído, exerce a função de jornalista e publica seu primeiro livro de poemas em 1946, *Missiva*. Seus dois últimos livros, *A invenção do amor* e *Pátria, lugar de exílio*, respectivamente de 1961 e 1963, foram republicados na década seguinte, anos depois de sua morte, em 1964. Possivelmente, graças a esse resgate pela Editorial Presença, pode Josué Guimarães, na metade dos anos 70, em seu autoexílio, entrar em contato com a produção de um artista com o qual poderia partilhar elementos de uma realidade política semelhante. Segundo Simone Caputo Gomes: “A situação do cabo-verdiano, na época da produção filipiana, era a de povo colonizado, empobrecido, esfomeado, à procura de redenção e reconstrução nacional” (GOMES, 1993, p. 45).

Nessa circunstância, a estética combativa de Filipe – principalmente na produção mais tardia, que inclui o livro *A invenção do amor*, quando o “processo evolutivo de militância” (GOMES, 1993, p. 45) do autor chega a seu ponto mais acentuado – interessa a Josué Guimarães, que, mesmo distante, manifesta-se no interesse urgente de intervir na realidade de seu país, ainda sob forte repressão. Ao escritor gaúcho, para o qual escrever era um “ato de amor”, a literatura de Filipe pode ter interessado quanto ao sentido de “amor” proposto pelo autor cabo-verdiano. Aqui, o termo designa um sentimento acima do afeto íntimo, é uma “ação subversiva violenta, de guerra propriamente dita” (GOMES, 1993, p. 73) contra a ordem ocidental, industrial, racista e totalitarista.

A imagem exposta na seção Fac-símile da Revista *Manuscritica* mostra um detalhe do manuscrito de *A invenção da liberdade*, deixado por Josué Guimarães em um caderno de anotações – ALJOG/UPF 04.a.0001(46b) – pertencente ao ALJOG, sob a guarda da Universidade de

Passo Fundo. O manuscrito revela o interesse de Josué Guimarães de desdobrar o “amor” em “liberdade” em uma peça de ato único. A referência a Daniel Filipe é explícita no paratexto que segue abaixo do título: “Peça inspirada em ‘Invenção do amor’, do poeta caboverdiano Daniel Filipe”, com posterior epígrafe retirada do poema: “... que um homem e uma mulher / se encontraram num bar de hotel / numa tarde de chuva / entre zunidos de conversa / e inventaram o amor com carácter de urgência”. A peça envolveria personagens, três homens e duas mulheres, os quais se movimentariam em um palco escuro, com malhas negras e máscaras, interagindo, ao som de música solene, com projeções em tela de fotos de soldados em ação violenta e cenas “de miséria extrema” e de “confrontos populares”.



A obra de Filipe, *A invenção do amor*, é uma ausência marcante na biblioteca pessoal do autor gaúcho, em parte doada ao Acervo e em processo de higienização e catalogação. Esse registro de leitura, contudo, se encontra nos manuscritos do autor, nos esboços e notas resguardados no ALJOG/UPF. Por esse tipo de registro, tem-se tanto a ampliação do universo de leituras e de interesses de Josué Guimarães, quanto a inserção de mais uma referência dentre as acionadas em seu processo de escritura, em uma obra que não se encontra materialmente dentre os objetos e itens do Acervo, mas que se cita nas anotações. Para um homem que tanto viajou e que, muitas vezes, obrigou-se a buscar acolhida longe de sua terra, uma biblioteca pode libertar exemplares ao longo de uma vida, fixando-os, porém, nas notas de seu percurso criativo.

Referências bibliográficas

- GOMES, Simone Caputo. *Uma recuperação de raiz*: Cabo verde na obra de Daniel Filipe. Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1993.
- GUIMARÃES, Josué. *Lisboa Urgente*. O Portugal de hoje que os brasileiros e os portugueses do Brasil desconhecem. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.